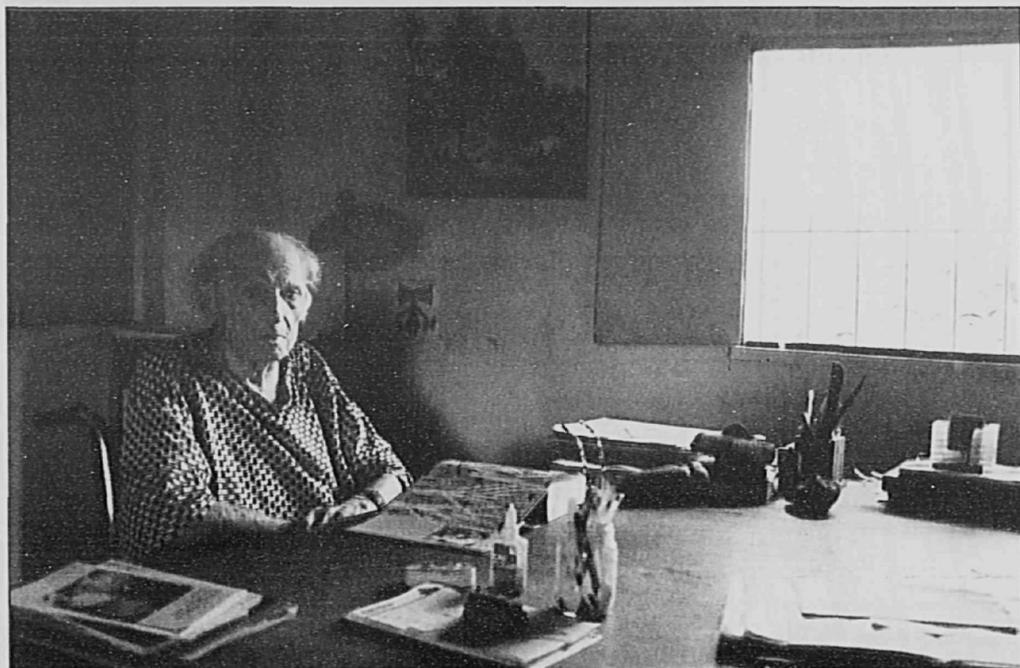


HOMENAGEM

Verger dá samba



Pierre Verger, morto há quatro anos, um peregrino, que escolheu a Bahia como morada.

A escola de samba carioca *União da Ilha do Governador* homenageia, no próximo Carnaval, a vida e a obra de Pierre Fatumbi Verger - francês de nascimento e afro-brasileiro de coração.

Nadja Vladi

Os tambores continuam ressoando para o fotógrafo, etnólogo e babalaô Pierre Fatumbi Verger. No Carnaval de 98, a escola de samba carioca *União da Ilha do Governador* pisa na Marquês de Sapucaí puxando o enredo *Fatumbi, Ilha de Todos os Santos*, com o subtítulo *Sinfonia Afro-Brasileira Para Pierre Fatumbi Verger Oju Okô: Os Olhos de Xangô no Babalaô do Brasil*. A homenagem saiu da cabeça do carnavalesco Milton Cunha, 35 anos, que há dois anos estava com o projeto guardado, mas não conseguia espaço na sua antiga escola, a *Beija-Flor*.

Sem muitas explicações racionais, levado puramente pela intuição, Milton conta que, sem poder mais adiar esta homenagem, resolveu pedir licença à *Beija-Flor* e propôs seus planos à outra escola. "Essa foi uma decisão muito importante, porque senti que minha carreira não ia dar continuidade se

"Ele era um exemplo de luz para a humanidade. Uma espécie de Gandhi, que sempre respeitou as semelhanças e diferenças" (Milton Cunha)

não levasse o projeto em frente. Há dois anos, os tambores de Fatumbi ecoam na minha cabeça", explica Milton. Segundo ele, levar Pierre

Verger para a avenida é fazer a ponte entre África e Brasil na grande festa de rua brasileira. "Ele tem tudo a ver com o conhecimento das nossas raízes, a compreensão da negritude e, por isso, tem tudo a ver com Carnaval", explica.

A história de Pierre Fatumbi Verger, parisiense e afro-brasileiro de coração, foi transformada em um samba-enredo com ares de sinfonia dividida em seis partes com 35 movimentos, que será orquestrada pela bateria da *União da Ilha*. O desfile entra na avenida com o carro abre-alas intitulado *Diaspora para Yorubá*, um navio negroiro formado por seres humanos, com 50 negros formando o casco e 50 negras desenhando a vela. A segunda parte mostrará os 17 anos que Pierre Verger viveu na África, e se chamará *Na Nigéria e Benin Nasce Fatumbi Babalaô*. Depois, é a vez da ala *Fatumbi sob o Atlântico*, mostrando os estudos e análises de Verger sobre as culturas africanas e brasileiras.

Bahia de Todos os Santos puxa a quarta parte do espetáculo e trata da

relação de Verger com o candomblé faiano e a Bahia, onde chegou, pela primeira vez, em 1946. "Para compor essa parte, estou em contato com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Dorival Caymmil e Carybé, pessoas que vão me ajudar a contar os anos baianos de Fatumbi", explica Milton, que pretende vir a Salvador pedir licença aos orixás para a homenagem.

"É uma homenagem ao homem Pierre Fatumbi Verger e sua obra. Acho que não terá problema algum, porque eles não vão meter os orixás no samba" (Carybé).

O quinto carro alegórico a entrar na avenida contará o *Legado de Fatumbi Através da Sua Obra Fotográfica*, voltada para a história dos orixás e do candomblé. A sexta parte, que fecha o desfile, trará *Fatumbi Iluminado Encontra Oxalá*. Segundo Milton Cunha, mostrará a espiritualidade elevada de Verger. "Ele era um exemplo de luz para a humanidade, uma espécie de Gandhi que sempre respeitou os semelhantes e as diferenças", discursa o carnavalesco.

"FOLCLORIZAÇÃO"

O artista Carybé, presidente da Fundação Pierre Verger, ami-

go de Fatumbi e filho do mesmo terreiro, o *Ilê Axé Opô Afonjá*, quando soube da homenagem da *União da Ilha* ficou preocupado com a possibilidade de acontecer uma folclorização dos orixás no Carnaval. Após a explicação de Milton Cunha, Carybé está sossegado. "É uma homenagem ao homem Pierre Fatumbi Verger e sua obra. Acho que não terá problema algum, porque eles não vão meter os orixás no samba", fala Carybé.

Esclarecendo as dúvidas, Milton Cunha diz que ninguém sairá vestido com as roupas dos orixás ou portando seus nomes. "Serão fantasias de Carnaval. O que quero fazer na Sapucaí é uma exaltação ao Pierre Fatumbi Verger", fala o carnavalesco, que já está no barracão da *União da Ilha* trabalhando, a todo vapor, na peça biográfica. "É uma coisa tão forte na minha cabeça, que, quando sento para desenhá-la, entro em um transe artístico. Agora, só preciso ir a Salvador para pedir licença à Bahia e aos orixás", conta ele.

Observador de almas

Pierre Fatumbi Verger chegou a Salvador em 1946, encorajado pelo sociólogo e antropólogo Roger Bastide. A cidade brasileira mais africana fez a ponte perfeita com os 17 anos que passou na África (ele esteve no continente africano, pela primeira vez, em 1935), aprendendo a cultura afro, onde foi iniciado como babalaô, em 1952, recebendo o nome de Fatumbi, o "renascimento de Ifá". "O

que aconteceu foi que eu descobri a África na Bahia. Aqui encontrei pessoas com as quais podia falar, conviver e participar das atividades sociais e religiosas", disse Pierre Verger em entrevista à revista *Análise & Dados*.

Um desses grandes encontros aconteceu no terreiro *Axé Opô Afonjá*, com Mãe Senhora, onde tornou-se Ogã e, depois, juntamente, com Pai Balbino acabou

fundando um terreiro irmão, o *Axé Opô Aganju*. Calado, observando tudo com sua máquina fotográfica e sem nunca perguntar o porquê das coisas ("porque é uma palavra que não existe no meu vocabulário"), Verger se transformou em um dos maiores conhecedores da cultura negra, cujas informações ele transmitiu em livros como *Ewê* - com 447 fórmulas do uso de plantas medi-

cinais na sociedade iorubá - e *Fluxo e Refluxo* (onde encaixa a ligação Bahia-Benin, mostrando os baianos que fizeram a viagem de volta à África ou negros africanos que se tornaram baianos).

Verger - que aos 30 anos de idade caiu nos braços do mundo viajando pelo Taiti, China, Indonésia, México, Japão e América do Sul - morava em um bairro popular de Salvador, na Avenida Vasco da Ga-

ma, numa casa vermelha, cor de Xangô (seu orixá), onde ficou até morrer, aos 93 anos de idade, no dia 11 de fevereiro de 1996. É nessa casa que funciona a Fundação Pierre Verger, com um acervo de 63 mil negativos e cerca de 3.000 livros sobre assuntos de interesse do fotógrafo, etnólogo e babalaô que costumava dizer não ser ele que escolheu o povo negro, mas o povo negro que o escolheu.